

A crise na educação – os principais fundamentos da bioética como caminho de humanização

The crisis in Education - the main foundations of bioethics as a way of humanizing

Karen Freme Duarte Sturzenegger¹

karen.sturzenegger@gmail.com

Bruno André Souza Colodel²

brunocolodel@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem a finalidade de demonstrar a importância do estudo da bioética e sua aplicação como caminho viável de humanização da sociedade escolar. Diante de tantas crises que o homem vive na modernidade e a perda de sua dignidade, os princípios fundamentais estudados são meios concretos de valorização do ser humano e, quando aplicados no âmbito educacional, proporcionam aos docentes e discentes a humanização do meio em que vivem, promovendo o respeito mútuo e trazendo uns aos outros a capacidade de autonomia, justiça, beneficência, moralidade e tantos outros valores que correspondem ao princípio fundamental inerente ao ser humano, a dignidade da pessoa humana.

Palavras-chave: Bioética, Educação, Humanização

Abstract

This article aims to demonstrate the importance of the study of bioethics and its application as a viable way of humanizing the school society. With so many crises that man lives in modernity, and the loss of dignity, the key principles studied are concrete ways of appreciating human life and, when applied in the educational field, gives teachers and students the humanization of the environment they live in, promoting mutual respect and bringing each other to capacity for autonomy, justice, beneficence, morality, and many other values that correspond to the fundamental principle underlying the human being which is human dignity.

Keywords: Bioethics, Education, Humanization

¹Graduada em Turismo e Marketing pela PUC-PR e Centro Universitário Internacional Uninter; especialista em Formação de Docentes e Orientadores em EAD pelo Centro Universitário Internacional Uninter e Mestranda em Educação pela PUC-PR.

²Graduado em Direito pelas Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil- e especialista em Ética e Educação com ênfase em Teologia Moral pela Faculdade de Campina Grande do Sul - FacSul. Cursando Especialização em Direito Processual Civil – Centro Universitário Internacional Uninter.

Introdução

Este artigo tem como objetivo demonstrar a importância do estudo da bioética e sua aplicação como caminho viável de humanização da sociedade escolar. Busca dialogar os princípios da bioética de forma a favorecer as relações na educação, mesmo que os seus estudos sejam originariamente oriundos das ciências médicas e naturais.

O homem é um ser naturalmente social e histórico, vivendo em sociedade e culturalmente influenciador do seu entorno. Esse homem pode influenciar a transformação do seu comportamento, sendo ele teleológico³, buscando voltar-se para atingir metas que sejam convenientes para o modelo social em vigor.

A educação no seu sentido amplo é o processo concreto e histórico da existência humana, estabelecendo relações consigo própria, com outros e o mundo. A transmissão do conhecimento não se baseia apenas no ambiente escolar, mas em toda a sociedade. O processo educacional, desde os povos primitivos até os dias de hoje, vem modificando-se devido às disparidades que envolvem o modelo social, político, econômico (CANTUÁRIO, 2004).

Ainda segundo Cantuário (2004), no período primitivo, a educação era totalmente difusa e, devido à influência do Estado, essa realidade se transformou no interesse das classes sociais, sendo não mais difusa e sim, dualista, especificamente, entre os povos orientais, surgindo a divisão de classes e o dualismo escolar. Dessa forma, em muitos casos, a educação se tornou interesse capitalista, pregando ideologias e alienando a sociedade.

Por fim, Cantuário (2004, p. 20) afirma que a escola é um lugar privilegiado para o exercício da democracia, porque nela se pode contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e, a partir dessa escola, motivar a existência de um governo que seja pelo povo e para o povo. Pode-se, assim, considerar o ato de aprender como um processo que ocorre dentro de cada homem, sendo ele eficaz – quando é desenvolvido e estimulado pelo próprio homem; e

³ Significado de teleologia: “A teleologia é uma doutrina que estuda os fins últimos da sociedade, humanidade e natureza. Suas origens remontam a Aristóteles com a sua noção de que as coisas servem a um propósito. A teleologia contempla também o onde para tudo isto? A questão que busca responder o para quê de todas as coisas. Aristóteles tinha uma resposta: para o Motor Imóvel, numa palavra, Deus” Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/teleologia/865/>>. Acesso em: 27 de março de 2013.

ineficaz – quando não esse mesmo homem não possui estímulos ou motivações, coloca Goulart (2002) “o processo de **aprendizagem** [...] existe dentro do indivíduo”

Dessa forma, Pinheiro (2009) afirma que se percebem, na sociedade atual, mudanças culturais profundas e substanciais, num contexto de aceleradas transformações que refletem avanços, benefícios e oportunidades, mas também paradoxos e contrapartidas, tais como: a) o crescente desequilíbrio social e ambiental em consequência do triunfo do mercado total, trazido pelo capitalismo neoliberal; b) a forma fragmentada de ver o mundo, a qual gerou a alienação, a oposição e notadamente o sistema competitivo; c) após voltar-se apenas para a racionalidade e a objetividade, o ser humano perdeu a visão mais ampla da vida, do sentimento, da espiritualidade, da qualidade de vida e das relações.

Pinheiro (2009) ainda afirma que, apesar das vantagens trazidas pelos meios de comunicação e pelo fenômeno da globalização, as estatísticas e demais canais de informações apontam o aumento de índices de violência, incivilidade, corrupção, agressividade, drogas, urbanização desorganizada, além de catástrofes causadas pelo aquecimento global. Enfim, o desenvolvimento moral não acompanhou o desenvolvimento tecnológico, científico e econômico, e o elemento humano vivencia debilidades, inseguranças, incertezas, psicopatias, ímpeto destrutivo em relação ao outro e à própria identidade. Pinheiro (2009) reforça que essa situação de desequilíbrios denuncia profunda crise universal de valores, no modo de pensar, nos sentimentos, no estilo de vida adotado, nas relações familiares, nas instituições e, notadamente, nas condutas que têm relação com as normas sociais.

O Relatório de Desenvolvimento Humano Brasileiro – RDH – do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2011) aponta que muito se tem discutido sobre os efeitos dessa crise, o que requer um novo modo de análise do contexto atual. Esse relatório traz como destaque o tema eleito pela sociedade e poderá aduzir possíveis caminhos para reverter esse quadro. Atualmente, a sociedade aponta para a necessidade de se estabelecer novos consensos em torno de valores e passa a depositar na educação (formal ou informal) sua esperança.

O RDH (2011) ainda destaca que estamos presenciando o modelo educacional da “esperança”, na expectativa de alavancar uma política de defesa da qualidade de vida, de eticidade na educação, que permita substituir o medo pelo

sentimento de respeito ao outro. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96 e conforme a Constituição Brasileira, a educação deve estar comprometida com o desenvolvimento integral do educando. Pinheiro (2009) coloca que urge criar uma nova história cultural, com uma nova ética: a ética da não violência e da resolução de conflitos de maneira pacífica. No entanto, a sedução da qualidade total e a ideologia consumista invadem instituições totalmente dissociadas de um compromisso de vida integral. Como responder à amplidão de tantos desafios do sistema em voga? Quais valores propor ao ser humano, para o desafio de se viver hoje a liberdade, no sentido construtivo e em prol da autorrealização?

Diante desse cenário, sugere-se, através deste artigo, que os princípios da bioética possam reacender a esperança em relações mais éticas e harmoniosas entre estudantes e alunos. Princípios da bioética, que até então, estão mais direcionados para as questões da ética entre as ciências biológicas, ciências da saúde, filosofia (ética) e direito (biodireito). Identifica-se que, sim, de fato, os princípios da bioética muito têm a contribuir para um resgate da ética educacional e uma maior humanização entre seus membros.

Segundo Ramos (2011), a bioética é o estudo da moralidade da conduta humana no campo da ciência da vida. É interessante destacar que a bioética inclui a chamada ética médica. A ética profissional médica é, então, um capítulo da bioética. Em outras palavras: para compreender, para aprofundar, para refletir sobre a ética profissional, é necessário efetuar uma referência à bioética.

Outro aspecto importante da bioética é que ela não está restrita às ciências da saúde. Ela, desde que nasceu, tem a missão de olhar para a vida e para tudo, para todas as áreas do conhecimento que, de uma forma ou de outra, têm implicações sobre a vida. A sua atuação está relacionada com a vida. E é por isso que na sociedade bioética, nos congressos de bioética, não se vê a hegemonia dos médicos, dentistas e enfermeiros; se veem juristas, filósofos, teólogos, economistas.

Portanto, este artigo terá como objetivo destacar os principais fundamentos da bioética como caminho de humanização na educação, utilizando suas nuances para construir uma educação mais justa, participativa e coerente.

A crise da educação no mundo contemporâneo

A relação humana com o mundo, mediada pela educação, também é uma relação privilegiada, no sentido de que nunca está dada de antemão, mas tem de ser tecida novamente a cada nascimento, no qual vem ao mundo um ser inteiramente novo e distinto de todos os demais (ARENDRT, 2004). Dessa forma, compreende-se que a educação não pode ser considerada algo acabado, pronto, resolvido, mas algo em constante transformação e metamorfose, trazendo sempre nova luz aos seres humanos.

A sociedade está em constante mudança, e, com essas mudanças, surgem novas responsabilidades. E uma das principais responsabilidades é, diante dessas transformações, trazer um novo olhar para os indivíduos e suas necessidades; a responsabilidade pelo mundo. Arendt (2004) denominava de *amor mundi* – significa contribuir para que o conjunto de instituições políticas e leis que foram legadas não sejam continuamente transformadas ou destruídas ao sabor das circunstâncias e dos interesses privados e imediatos de alguns poucos. Para a autora, a educação cumpre um papel determinante no sentido da conservação do mundo, pois se trata de apresentar aos jovens o conjunto de estruturas racionais, científicas, políticas, históricas, linguísticas, sociais e econômicas, que constituem o mundo no qual eles vivem. Em sentido geral, portanto, se a educação no mundo contemporâneo passa por uma crise aguda e sem precedentes, então é preciso compreender tal fenômeno situando-o no contexto da crise política do próprio mundo moderno.

Para Arendt (2005), vive-se numa “sociedade de massas”, que prioriza as atividades do trabalho e do consumo; que deseja avidamente a novidade pela novidade, orientando-se apenas pelo futuro imediato; e que nada quer conservar do passado, consumando-se aí a perda da autoridade e da tradição. Para a filósofa, vive-se em um mundo em que qualidades como distinção e excelência cederam lugar à homogeneização e à recusa de qualquer hierarquia, aspectos que se refletem imediatamente nos projetos educacionais contemporâneos.

A crise contemporânea da educação é, pois, o correlato de uma crise de estabilidade de todas as instituições políticas e sociais de nosso tempo. Para Arendt (2005), a escola é a “instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da

família para o mundo” (p.238). Desse modo, sua crise contemporânea tem a ver com a incapacidade da escola e da educação em desempenhar sua função mediadora entre aqueles espaços, relacionando-se diretamente à incapacidade do homem contemporâneo para cuidar, conservar e transformar o mundo. Para Arendt (2004),

[...] a tarefa educacional é intrinsecamente complexa, pois educar é simultaneamente proteger a criança das pressões do mundo e proteger o mundo contra as pressões e transformações que advêm da capacidade humana para a ação e para o discurso em comum, própria dos recém-chegados. (p.190)

Conforme Rauter (2012), a alegada crise na educação escolar é um fenômeno global nos dias de hoje. A indisciplina e desinteresse dos alunos, a falta de infraestrutura dos estabelecimentos de ensino, o baixo salário dos professores e a falta de perspectivas da carreira são um tema recorrente no Brasil e no mundo. O problema é que a modernidade tomou como seu lema o afastamento e a desconsideração de tudo o que vem da tradição como lugar da opressão e dos preconceitos a serem superados. A modernidade evocou a liberdade e os direitos dos indivíduos frente ao passado e à tradição. Sem poder, no entanto, abandonar o processo de formação das novas gerações que chegam ao mundo, manteve as instituições básicas para realizar essa tarefa essencial: a família e a escola. Porém, ao desconsiderar o vínculo com a tradição no ato educativo, enfraqueceu a legitimidade e a autoridade da escola.

Rauter (2012) ainda complementa que, sem poder livrar-se de sua natureza formativa humanista, a escola se mantém como uma espécie de corpo estranho num mundo que valoriza cada vez menos seu papel fundamental, embora também não tenha podido encontrar outras formas de realizar o ato educativo. Na contemporaneidade, marcada pelo consumo desenfreado de bens, pelo bombardeamento de informações pelas mídias, por um tempo acelerado de atividades e eventos mecânicos e sem significado, que não chegam a se transformar em sabedoria de vida para as novas gerações, a escola parece ter perdido seu lugar. Num tempo em que a formação intelectual humanística das pessoas cada vez parece menos importante frente à sua capacidade de executar performances técnicas imediatistas próprias à atividade capitalista atual, como justificar a existência da escola, lugar que teve historicamente o papel de realizar a transmissão crítica dos valores e experiências legados pelo passado?

Na verdade, dentro deste contexto atual, talvez, um dos passos essenciais que devem ser dados para a retomada do papel da escola na vida do estudante e do docente seria efetuar um caminho de retorno. Não um retorno em sentido de retrocesso, mas de reavaliar posturas, processos e reforçar a importância da humanização e dos valores éticos no meio educacional. Um caminho de discussão no interior das escolas e das salas de aula sobre o que realmente significam termos como consumismo, hedonismo, tecnicismo e individualismo. É preciso repensar e reinventar, a partir de uma realidade contemporânea existente e já impregnada na sociedade.

Educação e Humanização

A educação para a humanização significa pensar e agir, fundamentando-se em princípios éticos responsáveis, determinações políticas interventivas, criatividade estética sensibilizatória. Nessa direção, a humanização da educação da e da escola é, ao mesmo tempo, processo e produto, nascida e conquistada num projeto de mútua determinação e radicais lutas de educadores transformadores. Como processo, é a ação diária nas escolas, nas aulas, nas reuniões, no trabalho pedagógico, para fazer valer os princípios da igualdade, da convivência fraterna, da reciprocidade, da solidariedade ativa, para a promoção de um mundo mais justo e humano (SPAGOLLA, 2005).

Spagolla (2005) ainda reflete que, como produto, é o espaço novo na educação do homem ativo, esperançoso, que aprendeu a viver junto aos seus semelhantes, na empreitada da formação e da produção social, da cultura, das relações humanizadas, ou seja, um espaço dotado de características humanas livres, conscientes e responsáveis pelo destino individual e social. Os homens não nascem prontos, acabados, mas são constituídos em uma intrincada rede de inter-relações entre causas externas e internas de sua formação, evolução e produção social.

Assim, percebe-se que a formação humana e intelectual desse mesmo homem (aqui a definição de “homem” refere-se a indivíduo, homem ou mulher), é permeada por experiências em sua vida cotidiana, tradições, culturas e entorno. Essas experiências podem contribuir e muito para uma melhor ou pior resposta

desse cidadão para a sociedade e para os que estão ao seu redor. A escola participa da construção desse sujeito, mas ela, em si, precisa compreender bem seu papel e não perder-se em excessivas regras ou abandono dos valores fundamentais.

O saber escolar deve instigar o indivíduo a efetuar uma autorreflexão e, a partir dessa autorreflexão, se tornar protagonista de seu próprio itinerário. Ser protagonista também significa combater o comodismo diário em ações repetitivas e impensadas, que trazem mais malefícios que benefícios. Responsabilizar-se de forma firme, de forma a avançar para uma educação mais humanizada e bem-comprometida.

Paulo Freire (2008) afirmava que, para a educação, é imprescindível a formação de cidadãos críticos, ativos, sujeitos históricos que intervenham no processo de formação da sociedade. Esse processo comporta o domínio das formas que permitam chegar à cultura sistematizada. E, por esse motivo, já estaria justificada a importância da reflexão.

Spagolla (2005) afirma que,

O ensino pautado pelos princípios e práticas humanistas propõe convocar a escola e a educação, seus agentes e interlocutores, abertos à formação da consciência crítica e da participação política solidária. Isso significa afirmar que a construção de um projeto pedagógico resistente e transformador exige o compromisso ético social dos educadores e administradores, na produção de uma concepção política democrática, buscando transformar as estruturas atuais da sociedade caracterizada pelas práticas individualistas e competitivas. (p. 3)

Para Vygotsky (1996), apenas quando se compreende a base afetiva da pessoa, é possível compreender o pensamento humano. Ou seja, as razões que impulsionam os pensamentos encontram suas origens nas emoções que as constroem.

Talvez, um dos maiores desafios da educação atualmente, seja voltar a humanizar docente e discente, reaproximando esses dois sujeitos e reforçando o quanto os saberes trocados e compartilhados entre eles são essenciais para as suas vidas. O individualismo, hedonismo, utilitarismo, consumismo, algumas visões pós-modernistas e contemporâneas têm contribuído para transformar o homem em um ser, ao mesmo tempo, conectado com as informações de forma rápida e instantânea, mas de um vazio existencial que ele mesmo não sabe explicar as raízes.

O vazio existencial, na conceituação do psiquiatra vienense Viktor Frankl (1989), surge em decorrência de uma falta de metas e objetivos que valham a pena ser perseguidos durante a existência, ou seja, o indivíduo carece de um conteúdo profundo pelo qual viver. Tal estado de vazio amplia a angústia resultante de uma tensão entre o que se é e o que se deveria ser, entre o lugar em que se está e a meta que deve ser alcançada. Esse campo de tensão, segundo Viktor Frankl, o psiquiatra, de forma alguma é patológico, antes disso, é condição de saúde mental. Uma certa dose de tensão em nossas vidas é saudável e necessária. O vazio existencial só irá se manifestar patologicamente quando o indivíduo se recusar à leitura de seus sentimentos, quando se negar a dar uma resposta a esse estado de angústia, que, em verdade, está lhe indagando sobre o sentido de sua vida. Nessa direção, muitas criaturas buscam soterrar essa angústia através de psicofármacos e outras formas de compensação da vontade de sentido existente dentro delas, como o sexo, o álcool e os alucinógenos - o que não resolve o problema, sem dúvida, ao contrário, o agrava.

Diante dessa problemática, questiona-se, a sociedade está em crise? Crise existencial, crise de sua identidade, crise de falta de entendimento de si mesmo e da sociedade como um todo? Arendt (2005) revela que,

Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre, quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise, como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão.(p. 223)

Dessa forma, a partir de uma crise estabelecida, seja ela em menor ou maior proporção, por que não repensar conceitos e trazer propostas de uma nova reflexão que, a princípio, pertencia a outras áreas, mas que poderia aplicar-se de forma satisfatória na educação? A partir da bioética, pode-se discorrer sobre os vínculos entre os referenciais bioéticos de autonomia, respeito à dignidade e vulnerabilidade humana, justiça/equidade e as propostas da educação que priorizam a formação ética dos educandos e educadores.

Freire (1996) afirma que qualquer reflexão sobre educação envolve a reflexão acerca do próprio homem e deve ser entendida como uma busca efetivada pelo homem, que, então, é sujeito da educação e não seu objeto, ou seja, sua definição

surge marcada pela autonomia, enunciando que se aproxima do paradigma bioético e seus referenciais. O autor também enfatiza a impossibilidade de dissociar o ensino dos conteúdos da formação ética dos alunos. Sua abordagem sustenta que instrumentar o aluno para exercer suas competências cidadãs, sua autonomia, exige que ele seja preparado para as tomadas de decisão e as responsabilidades imbricadas nelas. Portanto, é aceitável entender a bioética como atividade eminentemente ética, voltada para questões que se tornaram agudas nestes tempos e particularmente relevantes para o futuro da vida humana e ambiental.

Fundamentos da bioética e sua confluência na educação

Para compreender como a bioética pode influenciar, de forma positiva, a crise educacional vigente, abaixo serão colocados seus principais conceitos e fundamentos que norteiam esse tema e que podem ser correlacionados com o meio educacional.

A bioética, em sentido amplo, consiste em um novo estudo, uma nova reflexão, um novo perfil de pesquisa. É uma evolução acelerada e um processo constante de descoberta de novos métodos, cujo objetivo é apontar soluções sólidas para os diversos problemas e questionamentos que surgem nas diversas áreas da vida.

Sua conceituação é muito ampla, porém, para melhor compreensão, pode-se defini-la como: “um estudo sistemático do comportamento humano na área das ciências da vida e dos cuidados da saúde, enquanto tal comportamento é examinado à luz dos valores e dos princípios morais” (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2002, p.32).

Para Potter (1971)⁴, o precursor do tema, a bioética consiste fundamentalmente em se servir das ciências biológicas para o melhoramento da qualidade de vida. A saber, *bios* (vida) e *ethos* (ética), assim, o propósito geral da bioética é conseguir uma adequada harmonização entre estas duas realidades: a da

⁴Van Resensselaer Potter utilizou, em 1971, o neologismo “bioética” no próprio título de seu livro: *Bioética: uma ponte para o futuro*. Sua aspiração era criar uma disciplina que fosse como uma ponte entre duas culturas, a da ciência e a da humanidade que, em sua época, eram separadas. Segundo ele, o objetivo fundamental da nova disciplina era não só enriquecer as vidas humanas, mas prolongar a sobrevivência da espécie humana em sua forma aceitável de sociedade.

vida e a da ética. Essa humanização, porém, não se limita a uma justaposição, mas, sim, a uma autêntica interação.

Para Reich (1995), “bioética é o estudo sistemático das dimensões morais – incluindo visão moral, decisões, conduta e políticas – das ciências da vida e atenção à saúde, utilizando uma variedade de metodologias éticas em um cenário interdisciplinar” (p.35).

A bioética ensina como utilizar o conhecimento em âmbito científico-biológico, pois o instinto de sobrevivência não basta, é preciso elaborar uma ciência da sobrevivência identificada aqui como bioética. Corroborando com as definições da matéria, pode-se acrescentar que a bioética tem uma tríplice função: a) descritiva - consistente em descrever e analisar os conflitos em pauta; b) normativa - com relação a tais conflitos, no duplo sentido de proscreever aqueles considerados corretos; c) protetora - no sentido, bastante intuitivo, de amparar, na medida do possível, todos os envolvidos em alguma disputa de interesse e valores, priorizando, quando isso for necessário, os mais fracos (SCHRAMAN, 2002, p.14-21).

Assim, tomando por base essas definições, possibilita-se compreender mais claramente os motivos que ensejam relacionar a bioética com a humanização da educação nos dias atuais.

A responsabilidade de cuidar da vida é do próprio homem. Acima de tudo, a vida deve ser preservada por todos, que precisam se manifestar a seu favor e com o dever de defensor. Sua origem é preciosa, e seu desenvolvimento deve ser acompanhado de tal modo que os homens passem a respeitá-la, galgando os fundamentos que lhe são inerentes. Nesse sentido, os princípios que fundamentam a bioética são de suma importância à preservação da vida, o que significa que, quando o homem está realmente atento ao outro, com toda certeza, o ser humano estará apto à vivência das exigências do mundo contemporâneo.

Dentre os princípios que norteiam a bioética, aceitos pela maioria dos doutrinadores, estão, conforme estudos baseados na obra de Soares (2006) - **autonomia e beneficência**: de ordem teleológica, *teles* significa fim, sendo o estudo filosófico da finalidade de uma ação, ou seja, em uma ação concreta, o mais importante não é saber se a intenção é boa, mas, sim, se tiveram boas consequências; - **não maleficência e justiça**: de ordem deontológica, *deontos*

significa dever (obrigação), sendo a teoria do dever ou estudo do que convém em termos de ação, ou seja, valoriza a intenção da ação de acordo com o dever.

Autonomia

O princípio da autonomia refere-se à capacidade do homem de se autogovernar, de tomar suas próprias decisões, de saber ponderar, avaliar e decidir qual o rumo deve tomar em um tratamento, associando-se à liberdade individual, embasada na vontade. Aplica-se a possibilidade de dar atenção aos valores morais e crenças religiosas, respeitando a liberdade do indivíduo e priorizando suas decisões, quando elas não colocam a vida dos outros em risco e não impedem outros de decidirem de uma forma autônoma (DINIZ, 2008, p.14).

Beneficência

O princípio da beneficência requer fazer bem ao próximo e promover seu bem-estar, em que se estabelece uma obrigação moral de agir em benefício dos outros. Usa-se o juízo e a capacidade técnica para sempre fazer o bem e nunca o mal, busca-se a justiça com toda cautela necessária, para cada pessoa em particular, avaliando os riscos e benefícios de cada indivíduo (BRAUNER, 2008, p.43).

Não maleficência

O princípio da não maleficência está relacionado ao da beneficência, pois se insere na obrigação de não acarretar dano intencional ao indivíduo, primando pela ética. No âmbito da medicina, o médico jamais deve realizar seu trabalho submetendo o paciente ao risco. O uso técnico deve ser utilizado para avaliar qual é o método menos gravoso ao indivíduo e que menos lhe afetará em termos de sofrimentos (SOARES, 2006, p.32).

Justiça

O princípio da justiça aborda o respeito da coletividade, no qual todos devem ter garantidos os mesmos direitos, inclusive o respeito a própria autonomia. Exige-se, de acordo com esse princípio, a imparcialidade na distribuição dos riscos e

benefícios, pois os iguais deverão ser tratados igualmente, e o Estado atua como um interventor nesse processo, oferecendo os meios necessários para a satisfação das necessidades das pessoas e garantindo seus direitos sociais (BRAUNER, 2008, p.47)

Ainda pode-se fazer referência ao princípio do duplo efeito, o qual devemos sempre fazer o bem e tolerar o mal; o princípio da totalidade, que estabelece simplesmente que a parte existe em função do todo, segundo a qual as pessoas administram seu corpo, mas não são donas de si; o princípio da santidade da vida humana, que trata de uma questão fundamental, porque se a vida humana não é sagrada, então, praticamente pouco ou nada mais tem dimensão de sacralidade. O sagrado sempre deve ter seu valor e respeito. A vida humana é percebida como sagrada ou tendo certa dignidade, porque os seres humanos são basicamente pessoas de valor. As pessoas são importantes, em razão teológica, porque são criadas por Deus, a sua imagem e semelhança.

O desenvolvimento humano de uma sociedade está immanentemente ligado com a educação, assim, a interação interpessoal é fator essencial para uma boa convivência, e a valorização educacional constrói uma sociedade que preserva a dignidade da pessoa humana.

Os relacionamentos dentro do ambiente educacional têm sua importância para dignificar a vida do ser humano. Com atenção aos princípios éticos e morais da vida, o ser humano recebe a dignidade que lhe é inerente e, assim, passa a agir de modo correlato com o outro, atentando-se para a justiça, a autonomia, a beneficência.

Pensar em fazer o bem e valorizar a justiça são condutas que hoje estão desvalorizadas na sociedade, mas que a bioética tem como missão resgatar, além de contribuir para o crescimento de homens e mulheres mais justos e solidários, capazes de se adaptarem às diferenças. A bioética vem imprimir no homem a racionalidade de bem relacionar-se, de tal modo que todos possam se posicionar livremente e se preparar para as concepções da vida real (ARANHA, 1994, p. 214).

Os fundamentos da bioética vêm em auxílio para, se bem utilizados, apontar objetivamente soluções de diversos problemas que a crise educacional e humana atravessa atualmente. A reflexão e a prática desses fundamentos, salientando a

cidadania, autonomia, transdisciplinaridade e dialogicidade (dialecticidade), são inerentes ao ideário da bioética e podem favorecer o desenvolvimento humano, nas suas dimensões cognitivas e afetivas, além de alicerçar e impulsionar a evolução das suas potencialidades, libertando-os da ignorância.

Considerações finais

A partir do cenário educacional apresentado neste artigo, bem como os principais conceitos e fundamentos da bioética, percebe-se, de fato, que a educação, como um todo, necessita de um novo olhar sobre temas relacionados à ética, humanização, comprometimento, justiça e autonomia. Seja ele o docente ou discente, ambos necessitam ter o compromisso de promover essas mentalidades e divulgá-las no meio acadêmico. Inúmeros autores apontam para as graves crises morais e de sentido de vida que o indivíduo vive atualmente. Vai além de teorias, de subjetividades, mas perpassa, pelo dia a dia ordinário de cada pessoa, no qual, infelizmente, as relações humanas têm se tornado, cada vez mais, superficiais e descartáveis.

A educação escolar faz parte da construção de valores do cidadão. E quando, neste artigo, se trata de temas como ética, humanização, moral e outros o intuito não está em “moralizar” padrões e estratificar comportamentos. Jamais. O artigo em questão tem a intenção de alertar e, ao mesmo tempo, reacender propostas de fundamentos que são tão antigos quanto a história da humanidade, mas que, cotidianamente, são esquecidos.

Viktor Emil Frankl (1989), médico psiquiatra austríaco, fundador da escola da Logoterapia, que explora o sentido existencial do indivíduo e a dimensão espiritual da existência, possui uma frase precisa sobre esse tema: “... Pode-se tirar tudo de um homem exceto uma coisa: a última das liberdades humanas – escolher a própria atitude em qualquer circunstância, escolher o próprio caminho” (p. 154)

Referências bibliográficas

- ARANHA, A. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1994.
- ARENDT, H. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.
- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

- BRAUNER, M. (Org.). *Ensaio de biodireito*. Pelotas: Delfos, 2008.
- BRASIL. Ministério de Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº9.394*. Brasília: Ministério da Educação, 1996.
- CANTUÁRIO, K. *A educação como processo de humanização*. São Luís: UNDB, 2004.
- CESAR, M; DUARTE, A. *Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo*. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2010.
- CNBB. Regional Sul II. *Bioética ao alcance de todos*. In: DURÁN, Pe. Dr. José Rafal (Org.). *Comitê de Bioética*. Curitiba: Comitê de Bioética, 2008. p. 7-11.
- DICIONARIO INFORMAL. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/teleologia/865/>. Acesso em: 27 mar. 2013.
- DINIZ, M. *O estado atual do biodireito*. São Paulo: Saraiva, 2008.
- FRANKL, V. *Sede de sentido: neurotização da humanidade ou reumanização da psicoterapia*. São Paulo: Quadrante Soc. Publicações Culturais, 1989.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
- GOULART, I. *Psicologia da educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MESSIAS, T; ANJOS, M; ROSITO, M. *Bioética e educação no ensino médio*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2007.
- PESSINI, L; BARCHIFONTAINE, P. *Problemas atuais de bioética*. São Paulo: Loyola, 2002.
- PINHEIRO, L. *Valores de vida através da educação: uma perspectiva de desenvolvimento humano, 2009*. Mostre seu Valor. Disponível pela internet em: <http://www.mostreseuvalor.org.br/publicacoes/arquivos>. Acesso em 02/03/2013.
- POTTER. V.R. *Bioethics: bridge to the future*. New Jersey: Prentice-Hall, 1971.
- RAMOS, D. *Fundamentos e princípios da bioética*. 2011. Disponível em: <http://professorfariahistoria.blogspot.com.br/2011/01/fundamentos-e-principios-de-bioetica.html>. Acesso em: 23 mar. 2013.
- RAUTER, L. *Crise na educação e teoria da história: alguns apontamentos*. 2012. Disponível em: <http://snhhistoriografia.wordpress.com/2012/05/09/crise-na-educacao-e-teoria-da-historia-alguns-apontamentos-luisa-rauter/>. Acesso em: 30 mar. 2012.
- REICH, T. *Encyclopedia of bioethics*. 2ed. New York; MacMillan, 1995.
- PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano. Sustentabilidade e equidade*. New York: PNUD, 2011.

SCHRAMM, R. Bioética para quê? In. *Revista Camiliana da Saúde*, ano 1, v.1, n.2, p. 14-21, 2002–jul/dez de 2002.

SOARES, A; WALTER, E. *Bioética e biodireito: uma introdução*. Rio de Janeiro: São Camilo e Loyola: 2006.

SPAGOLLA, R. *Afetividade: Por uma educação humanizada e humanizadora*. Jacarezinho: UENP, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.